

Cândido

JORNAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ Nº 164 SETEMBRO DE 2025 CÂNDIDO.BPP.PR.GOV.BR



ALÉM DA LITERATURA

Rodas literárias protagonizadas por mulheres
ressaltam autorias femininas e geram debates sobre o tema

Índice

3 ESPECIAL CAPA

Clubes de leitura para mulheres transformam a cena literária

Cecília Zarpelon

18 RETRANCA

Prateleira

Cecília Zarpelon e Redação *Cândido*

25 OUTRAS PALAVRAS

Mulheres amarelas e narrativa de memórias

Marília Kubota, Rafaela Tavares Kawasaki e Tayna Miessa
por Isa Honório

38 ARTIGO

A grande onda literária em Maringá

Victor Simião

45 ENSAIO

Florbela Espanca e a poética do excesso

Bruna Rossato

54 VII CONCURSO LITERÁRIO LUCI COLLIN: CONTO

A última sílaba do Sol

Melissa Sayuri

61 SEÇÃO GRIFOS DO(A) LEITOR(A)

Orelhas Marcadas

Carlitos Marinho

66 FOTOGRAFIA

Movimentos

Danielle Freitas



Clubes de leitura para mulheres transformam a cena literária



Cecília Zarpelon

No Paraná, mulheres leem e compartilham livros de autoria feminina, construindo redes que valorizam a escuta e desafiam o apagamento histórico de mulheres na literatura

Na Avenida Silva Jardim, número 845, em uma das livrarias mais conhecidas de Curitiba, um grupo se reúne toda última terça-feira do mês para discutir literatura. A roda de leitura que acontece na Itiban Comic Shop desde 2023 tem uma única regra: os livros debatidos devem ser sempre escritos por mulheres.

Embora não sejam novidade no Brasil, clubes e rodas de leitura voltaram a fazer sucesso após a pandemia de covid-19, resgatando a necessidade de convívio e transformando o ato solitário da leitura em uma experiência coletiva. Foi o caso da roda de leitura da Itiban, que surgiu de forma orgânica, a partir da vontade da jornalista e mestrande em Estudos de Linguagens pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Melissa Medroni, e da jardineira Fernanda Ayres, de compartilhar suas experiências e descobertas literárias com outras mulheres.



Fotos: Isa Hondrio | Edição: Cândido

» Fernanda Ayres



➤ Mitie Taketani



Com esse desejo, as duas procuraram Mitie Taketani, fundadora da Itiban, que abriu as portas da livraria e passou a ajudar tanto na organização dos encontros quanto na curadoria das obras. A seleção busca variar editoras, nacionalidades e origens das autoras, gêneros textuais e temas, com uma exigência: que a leitura seja de escritoras contemporâneas.

"Estamos treinados a ver o mundo sob um ponto de vista masculino porque consumimos o pensamento, o conhecimento e a arte feitos majoritariamente por homens desde sempre. Tem uma necessidade política de a gente consumir mulheres e mostrar para as editoras que esse mercado está aí, que é preciso investir nas escritoras", defende Medroni, que, junto de Ayres, media os encontros.

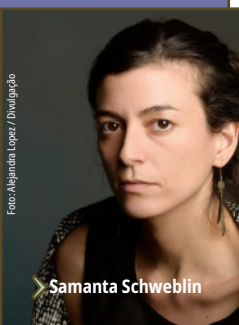
Apesar de representarem a maioria do público leitor, 49%, as mulheres têm menor presença no mercado editorial. Dados da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, de 2024, realizada pelo Instituto Pró-Livro, mostram que entre os 37 livros mais citados como último lido, as mulheres eram autoras ou coautoras de apenas nove. Já quando a pergunta foi sobre escritores(as) que mais gostam, dos 15 mais citados, só seis eram mulheres.

A discrepância se torna ainda mais evidente pelo fato de que as mulheres também são maioria entre os compradores de livros no país. Segundo o Panorama do Consumo de Livros, elaborado pela Câmara Brasileira do Livro em parceria com a *Nielsen BookData* e divulgado em 2025, 61% das pessoas que adquiriram livros nos últimos 12 meses são mulheres.

Para a doutora em Letras e professora da UTFPR, Amanda Crispim, os clubes de leitura são espaços fundamentais de desenvolvimento intelectual, cultural e crítico, e atuam especialmente em duas frentes: na divulgação e consumo de obras, e na visibilidade das autoras. "Ler mulheres num grupo de leitura de mulheres é um processo de emancipação não só para as leitoras, mas também para as autoras. Parar para ler uma mulher é dar importância e fazer com que ela exista enquanto escritora."



As mediadoras da roda da Itiban também destacam que ler mulheres ajuda a romper visões estereotipadas do feminino. Para Ayres, o patriarcado naturaliza a perspectiva masculina sobre o mundo, e a literatura tem potencial para questionar essa lógica.



No mesmo sentido, Sandra Mara Stroparo, doutora em Teoria Literária e professora da Universidade Federal do Paraná (UFPR), ressalta que quando obras escritas por mulheres ganham status literário, elas legitimam experiências e colocam heroínas e anti-heroínas lado a lado com os heróis tradicionais. "A nossa história e formação crítica na literatura foram elaboradas por homens, os livros que lemos foram escritos por homens e, quando apresentavam mulheres como protagonistas, elas eram pensadas por eles. Ler obras escritas por mulheres muda essa perspectiva, altera pontos de vista, oferece outros mundos."

Foi justamente essa quebra do senso comum sobre o feminino que chamou a atenção da doutoranda em Computação pela Universidade de São Paulo (USP), Paula Rodrigues, que participou da roda da Itiban pela primeira vez em agosto deste ano. "Ler livros de mulheres traz outra visão sobre o mundo, mais crua e real. A visão dos homens a gente já conhece."

No encontro, cerca de 15 participantes discutiram o livro *O bom mal* (2025), da argentina Samanta Schweblin, reconhecida por sua literatura de horror. Durante a conversa, além das interpretações sobre a obra, as mulheres compartilharam relatos pessoais que ressoavam com os contos do livro, refletindo sobre temas como sonho, maternidade, violência sexual, medo, memória, culpa e suicídio.

Na visão de Amanda Crispim, a literatura de autoria feminina é uma porta de entrada para compreender e debater múltiplas dimensões da sociedade. "Se lemos um livro da Carolina Maria de Jesus, por exemplo, temos a oportunidade de discutir desigualdade social, maternidades plurais, cidadania, política, racismo, sexismo, machismo, violência contra a mulher, violência urbana, ocupação. Estamos discutindo tudo isso numa única obra escrita por uma mulher negra", afirma.

Conexões que ultrapassam os livros

Mais do que um local para falar sobre literatura, a roda da Itiban tornou-se também um espaço de compartilhamento, aprendizado e amizade. "A literatura é o motivo, mas tudo que acontece depois é por causa desse encontro e das mulheres que estão aqui, nessa situação específica", diz a jornalista Melissa Medroni.

A troca entre mulheres de diferentes idades e formações torna a experiência ainda mais rica. Segundo a jornalista, a literatura é o melhor lugar para a prática da alteridade, permitindo que cada pessoa enxergue o mundo de outras formas. "A literatura não está só no livro fechado, mas justamente nessa troca entre os leitores", argumenta a jardinista Fernanda Ayres.



Poliana Back, professora e estudante de Psicologia da FAE, conta que o clube mudou sua vida — a ponto de considerá-lo um espaço espiritual e sagrado. Foi em uma das rodas que conheceu a HQ *Arrojadas: mulheres paranaenses que reescreveram a história* (2023), de Mylle Pampuch e Amanda Barros, que a inspirou a iniciar o curso de Psicologia. "Eu estava num momento de mudanças e acho que foi um pontapé. Hoje eu falto às aulas de Psicologia para vir nos encontros, todos os professores de terça já sabem", diz, aos risos.



Foto: Isa Honório | Edição: Cândido

Assim como Back, outra mulher que participa da roda desde o início é a escritora curitibana Fernanda Magalhães. Ela se engajou nos encontros pelo compromisso de incentivar iniciativas que estimulam a leitura de autoras. "As mulheres da minha geração foram alfabetizadas lendo livros de homens. Mas quando lemos mulheres, sobretudo as contemporâneas, nos encontramos mais. A gente vê mais sentido e eco na leitura." A escritora acaba de lançar seu primeiro livro pela editora Arte e Letra, o romance *Quarta-feira de cinzas na loja de fantasias* (2025), e sonha em ver sua obra debatida nas rodas da Itiban.

Para o futuro, as mediadoras da roda da Itiban esperam que os encontros sigam acontecendo e atraindo cada vez mais participantes. "Que a roda continue sempre girando, né?", brinca Ayres.

Coletivamente, mulheres constroem e fortalecem a cena literária

A capital paranaense está repleta de pessoas que se dedicam a incentivar a leitura de mulheres. Uma delas é a tradutora Emanuela Siqueira, que media o Leia Mulheres Curitiba, grupo criado em 2015 como parte de um movimento nacional e internacional iniciado no ano anterior. Segundo ela, o desejo era simples: reunir-se para falar e ler livros em grupo. O clube, que acontece aos sábados no Paço da Liberdade, no centro da cidade, já chegou a reunir até 90 pessoas.

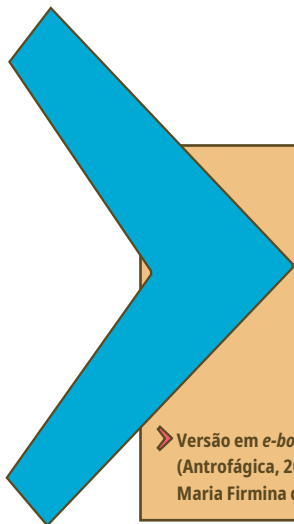


Iniciativas como o Leia Mulheres Curitiba e a roda da Itiban fazem parte de um movimento mais amplo de mulheres que constroem e fortalecem a cena literária brasileira. É o que revela a pesquisa O Brasil que Lê, realizada pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) em parceria com o Itaú Cultural, em 2021. Segundo o estudo, as mulheres lideram 74% das iniciativas de incentivo à leitura no país, atingindo mais de 220 mil pessoas em 24 estados brasileiros. Grande parte dessas ações é conduzida voluntariamente (44,76%) e mantida com recursos próprios (39%).

Assim como a roda da Itiban, os encontros do Leia Mulheres Curitiba giram em torno de obras escritas por mulheres. Siqueira explica que a escolha dos livros é feita de forma livre e espontânea, buscando diversificar a idade e origem das escritoras. "Uma coisa que eu faço é não repetir autoras. Assim as pessoas percebem que dá para passar anos e anos lendo escritoras e nunca repetir."

A tradutora defende que os clubes são essenciais não apenas para estimular habilidades de escuta e debate, mas para resgatar e manter vivo o nome de diversas autoras na história literária, como Maria de Lourdes Teixeira e Maria Firmina dos Reis. Ela exemplifica como o esforço coletivo dos clubes fez com que o romance *Úrsula* (1859), de Firmina, voltasse a circular, ganhando

novas edições após anos de esquecimento. "Ler mulheres é ter outras perspectivas. Lendo Machado de Assis e Maria Firmina dos Reis temos visões totalmente diferentes do Brasil, no mesmo período, mas a partir de lugares e realidades distintas. A gente só tem a ganhar com isso", ressalta.



➤ Versão em e-book de *Úrsula*
(Antrofágica, 2021) de
Maria Firmina dos Reis



Imagem: Divulgação / Editora Antrofágica

A professora da UTFPR Amanda Crispim concorda que esses grupos são fundamentais em uma sociedade ainda marcada pelo machismo e pelo patriarcado. Ela lembra que muitas autoras, sobretudo negras, ainda permanecem invisibilizadas no ensino formal e na grande imprensa. Apesar de avanços importantes, o campo literário ainda é um espaço de disputa.

Na contramão disso, Crispim observa um movimento crescente de jovens que buscam leituras fora do cânone tradicional, incluindo autoras trans, cis, negras e indígenas, por exemplo. Essa mudança de perspectiva pressiona o mercado editorial a se abrir para outras vozes, e gera transformações tanto na produção quanto no consumo de obras literárias.

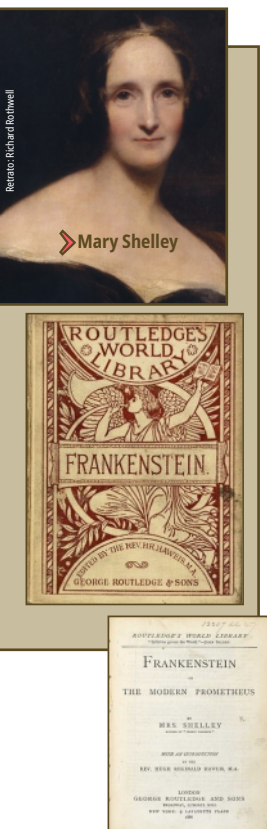
Para Emanuela Siqueira, manter o Leia Mulheres Curitiba ativo exige esforço, mas o retorno é imenso: "É incrível pensar que centenas de pessoas vão num encontro para discutir livros num país que todo mundo adora falar que as pessoas não leem. Claro que temos um número muito aquém de leitores e leitoras. Mas precisamos pensar em como fazer para que as pessoas compartilhem esse desejo pela leitura, para que multipliquem as discussões e conversas depois que vão embora do clube."

Segundo a 6ª edição da pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, de 2024, o país perdeu quase 7 milhões de leitores em apenas quatro anos. Pela primeira vez na série histórica, a proporção de não-leitores superou a de leitores e nos três meses anteriores à pesquisa, 53% das pessoas não haviam lido nem parte de um livro.

Apesar do cenário desanimador para a leitura no Brasil, as mulheres continuam consumindo literatura e estimulando outras pessoas a ler. Uma das entusiastas desse movimento é a servidora pública brasileira Juliana de Souza, participante ativa do Leia Mulheres Curitiba. Para ela, o clube foi mais do que uma oportunidade para descobrir novas autoras – foi um espaço para encontrar novas amizades e firmar raízes na cidade.

"É muito fácil, aqui no Brasil, a gente falar de Machado de Assis ou Luís Fernando Veríssimo. Para todos os gostos e gêneros de literatura, você consegue listar dezenas de homens. Mas isso é questão de acesso. Apesar de as mulheres escreverem, elas não são tão divulgadas", observa.

Além de promover trocas de experiências e contato íntimo com os textos, o clube oferece um espaço seguro para compartilhar opiniões. Outro aspecto importante, para Souza, é dismantellar estereótipos sobre livros de autoria feminina. "Quando se fala de livros escritos por mulheres, as pessoas tendem a achar que são sempre historinhas românticas, açucaradas, de final feliz, e quando você vê, você está lendo um livro que fala de política, uma ficção científica, um clássico da literatura como *Frankenstein*, contos insólitos. É uma variedade enorme de perspectivas abordadas de maneira muito peculiar pelas autoras."



Para a servidora pública, os diálogos e trocas durante os encontros vão além do livro: "Você adquire um ferramental conceitual que passa a fazer parte do seu olhar sobre o mundo, e isso eu consegui levar para minha vida e para o trabalho." Ela fala com carinho sobre o clube, as amizades que fez e os encontros que continuam fora do grupo, descrevendo a experiência como "uma sensação de amar e ser amada, de sair com a cabeça fervilhando de ideias e novas informações."

Em Maringá, quem conduz o Leia Mulheres é a professora Gabriela Tofanelo, participante do grupo há oito anos e mediadora das discussões desde 2021. "Ali encontrei muito mais que um clube de leitura. É um clube de pessoas com interesses em comum, um ambiente seguro e de acolhida."



No III Festival da Palavra, realizado em setembro em Curitiba, ela debate o apagamento histórico de autoras e a importância da valorização da literatura de autoria feminina. Tofanelo lembra que, na história da literatura brasileira, as mulheres só passaram a integrar o cânone na segunda metade do século XX, enquanto muitas escritoras anteriores foram invisibilizadas.

"Maria Firmina dos Reis, Júlia Lopes de Almeida e Gilka Machado são alguns exemplos de autoras importantes de suas respectivas épocas que quase nunca aparecem nos livros didáticos, como se não existissem mulheres escrevendo no século XIX. E quando lemos os livros dessas autoras, vemos representações diferentes dos estereótipos que permeiam as personagens femininas no cânone literário."



Comunidade de leitoras

Outro projeto curitibano que fomenta a leitura de mulheres é o Amora Livros, criado em 2022. Com um clube de assinaturas, envia mensalmente a seus assinantes um romance de uma autora contemporânea e um conto de uma escritora estreante, além de promover um encontro virtual para discutir o livro lido. Até hoje, foram entregues mais de 12 mil caixas para assinantes de 24 estados brasileiros.

Patrícia Papp, uma das fundadoras, explica que a ideia nasceu do desejo de dividir livros que ela e as sócias liam e admiravam. O objetivo, segundo ela, é equilibrar a balança entre autores e autoras, divulgando novas vozes femininas. "A gente quer valorizar e incentivar não só a leitura de livros escritos por mulheres, mas a própria escrita delas. E isso também fomenta o mercado editorial. Com mais clubes de leitura, de assinatura e grupos de discussão levantando essa bandeira de ler mais mulheres, vai se movimentando toda uma indústria. As editoras e livrarias vão percebendo o interesse, os prêmios começam a ficar mais atentos, tudo vai sendo repensado."

A curadoria é feita com cuidado: ao longo do ano, pelo menos metade das autoras precisam ser brasileiras de diferentes estados e as editoras também são revezadas. Para isso, a equipe acompanha prêmios de perto e mantém diálogo constante com escritoras, editoras e agentes literários.

Apesar de quase 90% dos assinantes serem mulheres com mais de 30 anos, o clube da Amora é aberto a todos. Papp acredita que a troca proporcionada pelos encontros amplia a visão das pessoas sobre a vida, gerando empatia e pertencimento. "A literatura acaba sendo uma forma muito interessante de se falar sobre a vida, porque o mesmo livro toca as pessoas em lugares bem diferentes", diz.

Entre as participantes está a arquiteta curitibana Maria Francisca Cury, que conheceu o projeto pelas redes sociais. Leitora assídua desde a infância, ela se apaixonou pela proposta de receber obras de autoria feminina em casa e, desde que assinou o clube, há três anos, só deixou de ler dois livros. "É muito importante para mim, hoje eu não consigo mais ficar sem essa leitura."

Cury relata que sua relação com os livros mudou desde que entrou para o clube. A troca de percepções com outras leitoras frequentemente a faz reler trechos sob novas perspectivas. "A leitura é muito mais detalhada. Hoje eu quero degustar, entender, perceber, ler bem e com mais calma, usufruir o máximo que aquela história pode oferecer", afirma. "Além disso, o que me atrai nesse espaço é que você também se enxerga nessas outras mulheres, um pedaço aqui, outro ali", completa.



➤ Lygia Fagundes Telles



De Curitiba a Maringá, de encontros presenciais a projetos de assinatura, os clubes de leitura de mulheres têm o mesmo propósito: reunir uma comunidade em torno da literatura de autoria feminina e contar sua própria história. Como escreveu Lygia Fagundes Telles em *A Disciplina do Amor* (1980): "Sempre fomos o que os homens disseram que nós éramos, agora somos nós que vamos dizer o que somos." «



Foto: Isa Hovavro | Edição Cândido



Cecília Zarpelon é jornalista formada pela PUC-PR, com especialização em Direitos Humanos pela PUC-RS. Atua com reportagem, checagem de desinformação e fotografia. Seu trabalho se concentra especialmente nos temas de direitos humanos, fotojornalismo e comunicação pública.

Prateleira

Cecília Zarpelon e Redação **Cândido**

O jornal **Cândido** convidou algumas entrevistadas a compartilhar suas indicações de leitura. A seguir, reunimos algumas das recomendações



Eu sou Macuxi e outras histórias
(Caos e Letras, 2021)
Trudruá Dorrico

Eu sou Macuxi e outras histórias traz narrativas que expressam a cultura, memória e a ancestralidade do povo indígena Macuxi. Na obra, a autora conta sua jornada de descoberta e afirmação da identidade indígena, valorizando a oralidade, o pertencimento e a resistência dos Macuxis diante das tentativas de apagamento cultural.



Periférica

(Padê Editorial, 2021)

Kika Sena

Coletânea de poemas que dá voz à vivência da autora, uma mulher trans, travesti, preta e periférica. Com uma escrita que mistura denúncia, resistência e poesia, Sena expõe violências estruturais, como transfobia e racismo, mas também celebra o afeto, a identidade, a memória, a ancestralidade e o pertencimento.



Um defeito de cor

(Record, 2006)

Ana Maria Gonçalves

Romance histórico que acompanha a trajetória de Kehinde, uma mulher africana escravizada no Brasil do século 19. Separada do filho, ela embarca em uma longa jornada marcada pela violência, mas também pela luta, pela resistência e pela busca por liberdade, atravessando territórios no Brasil e na África. Escrito pela mineira Ana Maria Gonçalves, primeira mulher negra a se tornar imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL), foi eleito pelo jornal *Folha de S.Paulo* como o melhor livro de literatura brasileira do século 21.

As mulheres de Tijucopapo

(Ubu Editora, 2021)

Marilene Felinto

Publicado pela primeira vez em 1982, o livro narra a jornada de Rísia, uma jovem negra que retorna à terra natal da mãe, Tijucopapo, em busca de suas origens. A obra mistura memória, história e ficção, evocando a luta real de mulheres pernambucanas contra invasores holandeses no século XVII. O romance, que articula temas como identidade, racismo, desigualdade e resistência feminina, é considerado um marco da literatura feminista e antirracista brasileira.

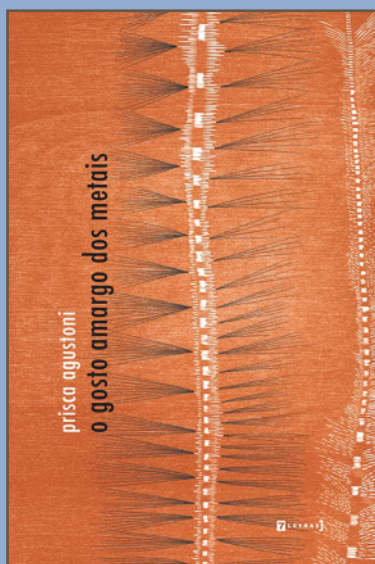


O gosto amargo dos metais

(7Letras, 2022)

Prisca Agustoni

Livro de poemas que transforma os desastres de Mariana e Brumadinho em poesia. A autora reflete sobre a destruição ambiental e humana, usando imagens potentes e o nome indígena do rio Doce, Watu, como símbolo de resistência. A obra venceu prêmios importantes como o Oceanos 2023 e o Prêmio Suíço de Literatura.



Siriricas tristes

(Veneta, 2020)

Carol Ito

Coleção de tiras em quadinhos que mistura humor e ironia para abordar temas como *sex toys*, aplicativos de relacionamento, machismo e não monogamia. Criada durante a pandemia e originalmente publicada no Instagram da autora, a série retrata com sarcasmo e leveza as angústias, medos e fantasias vividos por muitas mulheres durante o isolamento social.



ALANA S. PORTERO *MAU HÁBITO*



Mau hábito

(Amarcord, 2023)

Alana Portero

Romance ambientado em um bairro operário de Madri nos anos 1980, que acompanha a trajetória de uma menina trans em sua jornada de autodescoberta. Com tom feroz e poético, o livro explora o ressentimento contra um sistema que rejeita as diferenças, explorando a sobrevivência e o crescimento em meio à violência.



***Descolonizando afeto:
experimentações sobre
outras formas de amar***

(Paidós, 2023)

Geni Núñez

Coletânea de textos que questionam normas sociais e culturais ligadas ao amor e à afetividade. A obra propõe caminhos para repensar os relacionamentos afetivos e as relações interpessoais, valorizando experiências que rompem com perspectivas coloniais e hegemônicas.

O perigo de estar lúcida

(Todavia, 2023)

Rosa Montero

A obra mistura ensaio e ficção, refletindo sobre a relação entre criatividade e loucura. Com base em sua experiência pessoal e estudos em psicologia, neurociência e literatura, a autora explora a combinação de fatores químicos e situacionais que desencadeia a explosão criativa, revelando como ideias surgem nesse processo, atravessando territórios próximos à instabilidade mental.



***A guerra não tem
rosto de mulher***

(Companhia das Letras, 2016)

Svetlana Aleksíévitch

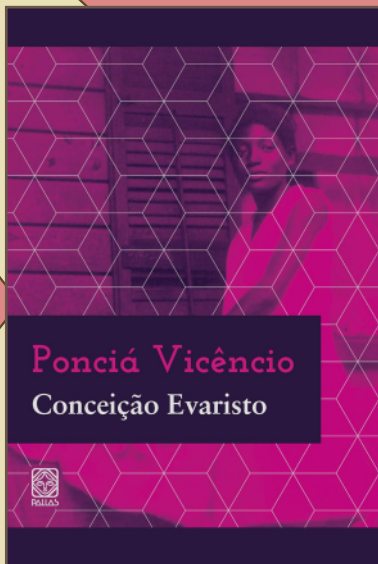
Livro-reportagem que reúne depoimentos de mulheres soviéticas que participaram da Segunda Guerra Mundial. Suas histórias, muitas vezes silenciadas, revelam experiências de combate, dor, trabalho e sobrevivência, trazendo uma perspectiva feminina inédita sobre o conflito.

Ponciá Vicêncio

(Pallas, 2003)

Conceição Evaristo

Romance que narra a trajetória de Ponciá, uma mulher negra que migra do interior para a cidade em busca de novas oportunidades. O livro trata de temas como identidade, preconceito, família e reconstrução pessoal, em uma narrativa marcada pela escrita poética da autora.

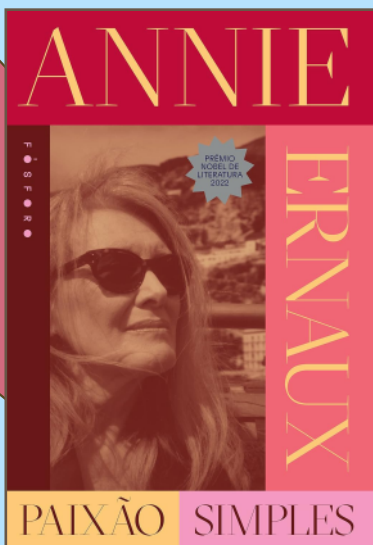


Paixão simples

(Fósforo, 2023)

Annie Ernaux

Relato autobiográfico sobre um relacionamento breve e intenso vivido pela autora, vencedora do Nobel de Literatura de 2022. Com uma escrita confessional, a escritora narra o período em que viveu um amor avassalador com um homem casado, explorando a transição entre a razão e o pensamento mágico, e refletindo sobre o poder da escrita para dar voz ao amor e à memória.



Nastassja Martin

Escute as feras



editora 34

Escute as feras

(Editora 34, 2021)

Nastassja Martin

Relato autobiográfico em que a autora, uma antropóloga francesa, narra sua experiência após ser atacada por um urso durante uma expedição etnográfica na Sibéria. A obra acompanha a recuperação física e psicológica da escritora, trazendo reflexões sobre corpo, cultura e natureza. «

Mulheres amarelas e narrativa de memórias

Marilia Kubota, Rafaela Tavares
Kawasaki e tayna miessa

por Isa Honório



O ***Cândido*** publica o especial *Outras Palavras*, uma série de entrevistas realizadas pela equipe do jornal com as escritoras e artistas participantes das mesas redondas do evento "Ocupação Mulheres Arquivadas" — ação em parceria com o Projeto Mulheres Arquivadas e a Biblioteca Pública do Paraná — realizada no mês de março.

A conversa "Mulheres amarelas e narrativa de memórias" teve a presença de Marília Kubota e Rafaela Tavares Kawasaki, com mediação de Tayna Miessa. O bate-papo girou em torno da escrita e produção artística de mulheres com ascendência asiática, e a relação desses processos com suas vivências, memórias e culturas.





> Marília Kubota

Marília Kubota nasceu em Paranaguá (PR) em 1964, é poeta, jornalista e mestre em Estudos Literários. Publicou *Que o só levante* e *Eu também sou brasileira* (crônicas) e *a voz dos ares e velas ao vento* (poesia), entre outros. Curadora das coletâneas *Um girassol nos teus cabelos – Poemas para Marielle Franco*, *Blasfêmeas: mulheres de palavra* e *Retratos Japoneses no Brasil*. Seus textos circulam em países como Argentina, Portugal, Cuba, México e Estados Unidos.

O que a literatura significa para você?

Desde que aprendi a ler, aos 6 anos, tudo.

Como é o seu processo de escrita e qual a sua parte preferida?

Escrever (poesia, crônica, conto, romance) acontece. Escrevo quando me sinto provocada. Antes, me sentia provocada pela leitura de livros, por ouvir uma canção, ler poemas. Hoje, um de meus catalisadores de sen-

sações é a memória. Catar ideias é uma delícia. O processo de criar é o melhor. Revisar também é gostoso, mas sou obsessiva. Edito e reviso inúmeras vezes. Sou relapsa para pesquisar, por isso não publiquei narrativas longas até hoje.

Como mulher amarela, o quê "narrativa de memórias" significa para você?

Quando eu era jovem, não tinha memórias, só traumas. Agora, aos 60, com anos de psicanálise, percebo como podem ser reelaboradas através da memória narrativa. Contar histórias ou escrever poemas é mais eficiente do que deitar no divã. Sou amarela, mas também asiática, e há asiáticas marrons e brancas. É bom conhecer histórias de todas as asiáticas, sejam japonesas, coreanas, chinesas, indianas, árabes ou diaspóricas. Nós temos uma vivência em comum, pela ancestralidade de culturas tradicionais, pelas etnias e ressonância com outros povos, como negros e indígenas.

Qual o maior desafio que você enfrenta na cena literária e editorial?

Publicações, eventos e editoras ainda são um universo dominado por homens brancos heterossexuais de classe média e alta que vivem em grandes centros urbanos. Nos últimos anos, pequenas editoras permitiram ouvir vozes subalternas, como a de Conceição Evaristo. Há editoras como a Mazza, da Maria Mazzarello, que publica autoras negras; Tabla, que divulga autoria árabe; a microeditora Veñas Abiertas, da Karine Bassi, que ganhou um Jabuti com uma coleção do Múlherrio das Letras; há a heroica Lamparina, da Tereza Andrade, no Rio de Janeiro; a Lavra, do João Caetano, que publica autores da periferia de São Paulo e publicou meus livros *Eu também sou brasileira* e *a voz dos ares*, haicais em parceria com Maria Valéria Rezende e ilustrado com sumiês de Lúcia Hiratsuka; há a Telaranha, aqui em Curitiba, que publicou Assionara Souza e Rollo de Resende.

O surgimento de vozes diversas transforma a cena, mas estereótipos são persistentes. Ainda ouço racismo recreativo quando frequento eventos ou rodas literárias e há casos perversos, como a censura a Jefferson Tenório e a acusação infundada à Lília Guerra na Flip este ano.

Recomende duas autoras amarelas que são inspiração para você e comente sobre a sua escolha.

Não poderia deixar de citar Han Kang, que representa escritoras contemporâneas, não só amarelas. O Nobel é importante para nós que escrevemos, e ela escreve de maneira insuportável para os homens. No Brasil, já citei Lúcia Hiratsuka, como parceira, e as pessoas podem se iludir porque ela escreve para crianças. *Os livros de Sayuri* conta a história do amor de uma menina pela escrita e pela leitura, numa época em que eram atividades clandestinas para imigrantes japoneses e seus filhos. Este livro conta um pedaço de nossa história para as crianças, com poesia e espírito livre de ressentimento. Imagens contam histórias e Lúcia sabe usar texto e imagem para narrar como ninguém. A literatura considerada menor pelo cânone literário e mercado editorial atinge milhares de leitores e é imensa!



Rafaela Tavares Kawasaki (Araçatuba (SP), 1987) é autora dos livros *Enterrando gatos* (Patuá, 2019) e *Peixes de aquário* (Urutau, 2021), finalista do Prêmio Mix Literário, e *Memórias de Água* (Telaranha, 2025), realizado por meio da Lei Paulo Gustavo. Integra o coletivo literário Membrana. Seu trabalho *Venha ver a revoada* – projeto de criação aberta de romance sobre migração brasileira no Japão – é um dos selecionados pelo edital Rumos Itaú Cultural 2023-2024. Identidade, memória, imigração e família são temas de sua obsessão.

O que a literatura significa para você?

Minha relação com a literatura é primariamente a de um ofício. Faz parte de uma ocupação prolongada de investigação e práticas sobre linguagem, narrativas e criação. A literatura é meu trabalho.

Como é o seu processo de escrita e qual a sua parte preferida?

Meu processo de criação é composto por camadas. Cada projeto para mim só começa a ter um significado quando encontro intencionalidades para como vou trabalhá-lo. Como ela se integra ao meu projeto de escrita como um todo? O que pretendo de experiência estética com a palavra? Quais temáticas vão entrecruzar esse conto, poema, narrativa longa, livro? É a partir disso que inicio pesquisas, composição aprofundada de personagens, exercícios. Esse é um alicerce.

Depois vem a escrita propriamente. Gosto de trabalhar com pedaços do trabalho, costurá-los, expandi-los. Faço muita reescrita, que é uma das etapas que mais gosto, porque é o que lapida o projeto até ele chegar a sua forma final. Adoro fazer essa espécie de trabalho de tecelã, de costura que a reescrita permite. Também me interessa muito estudar as personagens para entender seu tom, seu papel na história, quais condições humanas elas refletirão, quando escrevo ficção. E isso acontece um pouco com a poesia, quando lido com a voz lírica como uma construção de personagem. Eu falei de intencionalidades, né? Há também as camadas do inconsciente, das imagens que surgem sem eu provocar, das ideias que me assombram até eu escrever. Acho que meu trabalho é uma mistura dessas duas coisas, o trabalho intencional e o lado cru, sensível que me leva a obsessões com cada projeto.

Como mulher amarela, o quê "narrativa de memórias" significa para você?

Para mim significa entrelaçar a pesquisa sobre imigração com a investigação dos mecanismos de lembrar e esquecer, como eles estão profundamente ligados ao que nos torna humanas. Quando pensamos no contexto brasileiro, as pessoas amarelas são filhas, netas e bisnetas de imigrantes que vieram ao Brasil. Se arrastarmos o olhar para um movimento contrário, que desde os anos 1980 passou a fazer parte da vida de muitas

peessoas amarelas brasileiras, especificamente as nipo-brasileiras, as narrativas da memória desembocam em outra ligação entre elas e imigração. Muitos nipo-descendentes migraram do Brasil para o Japão. Coincidência ou não, ambos os fluxos migratórios foram motivados por questões econômicas e pelo trabalho. É esse meu próprio contexto familiar e inevitavelmente ele se reflete na minha escrita.

A minha ideia de narrativa de memórias como pessoa amarela envolve escavar memórias sobre trabalho, sobre deslocamentos, sobre a solidão, sobre classe e sobre a relação com idiomas. Por isso, *Peixes de Aquário*, meu romance, fala sobre esquecimento, trauma, rancor e camadas de afeto entre uma família de imigrantes japoneses que viveram em uma colônia brasileira e trabalharam no campo, com algodão e seda. Por isso, poemas de Memórias de Água lidam com a infância migrante, ser uma mescla entre dois países e também com o trabalho na fábrica. Venha ver a revoada, o romance que estou escrevendo, cruza memórias de gerações de dekasseguis, mas também com a fotografia, a fragmentação familiar, a diáspora pelo trabalho nas fábricas, mas também com as memórias amorosas e do cotidiano migrante.

Qual o maior desafio que você enfrenta na cena literária e editorial?

Como falei antes, a literatura para mim é um ofício. Meu maior desafio e de quem trabalha com escrita literária, pelo que vejo com colegas, é a dificuldade de que essa atividade seja tratada como uma atividade profissional, remunerada, reconhecida. Eu estou num lugar confortável este ano porque aprovei dois projetos em editais e consegui uma remuneração justa pela minha escrita. Ainda assim, preciso trabalhar com outra atividade para ter um sustento e estabilidade. Além disso, essa não é a realidade da maioria. E nem sei se vou conseguir recursos com novos projetos no futuro. Sem editais públicos ou privados, nos quais uma quantidade mínima de escritores é contemplada, a remuneração

ração da pessoa autora é muito baixa, quando há remuneração. Sem remuneração, por mais que a pessoa ame a escrita, em longo prazo, o trabalho se torna insustentável. Nesses pontos, a literatura não é um ofício com segurança.

Recomende duas autoras amarelas que são inspiração para você e comente sobre a sua escolha.

Vou recomendar duas autoras que acredito que nesse momento me influenciam bastante. Uma é a Fumiko Hayashi que é uma romancista e contista japonesa com uma obra incrível, que fala muito sobre a situação das pessoas no pós-guerra, sobretudo a das mulheres da classe trabalhadora. Como é que esse contexto afeta suas relações familiares, esperanças sobre um futuro, suas relações amorosas? Ela escreve histórias com uma beleza imensa no que diz respeito ao uso da narrativa para se relacionar com as emoções (de quem lê, das personagens). Seus livros são muito humanos, com uma escrita muito bem trabalhada

A outra indicação é a Yūko Tsushima. Um dos livros mais bonitos dela, *Território de Luz*, foi traduzido recentemente pela Rita Kohl. A escrita dela também é belíssima, trata de uma forma muito pungente sobre maternidade, solidão e sobre um cotidiano que tem muitas dimensões.



➤ **tayna miessa**

tayna miessa é produtora e multiartista, filha de imigrantes e reside em Curitiba (PR). É militante do Movimento de Mulheres Olga Benário e atua profissionalmente no ramo artístico desde 2017. Foi produtora executiva da peça “Hi, Breasil!”, que levou o Prêmio Especial da 39ª Edição Troféu Gralha Azul em 2019. Em 2023 inicia seu trabalho junto à banda ímã. Foi letrista para o cartaz do curta “Amarela”, de André Hayashi, que concorreu no Festival de Cannes em 2024, e em setembro de 2025 atuou como produtora da Feira Muvuca da 8ª Bienal de Quadrinhos de Curitiba. Como produtora acredita na grandeza do encontro, no poder do povo e na potência transformadora que a arte possui.

O que a literatura significa para você?

A literatura para mim, assim como outras formas de arte, tem um significado muito profundo sobre a questão da memória, sobre o que fica, e sobre o que pode ser. Assim como a memória é um tecido que se transfere entre passado, presente e futuro, a literatura tam-

bém é isso. Ela é definitiva para nós escolhermos o que vai ficar, quais são as histórias, as palavras escritas que ficam para além de nós. Mas também, ela define o que vai ser e até onde a nossa imaginação pode ir, até onde as histórias podem ir. A literatura é essa ferramenta muito poderosa, de memória e futuro.

Como é o seu processo de criação artística e qual a sua parte preferida?

O meu processo é geralmente o de tentar. Primeiro faço o rascunho, e acho que o rascunho é um processo que a gente esquece muito, porque dá vontade de ser muito bom da primeira vez. O trabalho artístico é labuta também. O processo que eu geralmente faço é ter uma ideia, um vislumbre do que eu quero fazer, e a partir daí eu destrinchar o que vou fazer mesmo. Eu também visito coisas que façam sentido com a temática: vejo filmes, leio livros, pesquiso poesias. Mas a minha parte favorita é o erro. Ao longo dos anos eu venho percebendo que errar faz parte do processo, e tenho sentido um carinho especialmente pelo erro, pelo rascunho, pelo que a gente faz de novo, de novo, e de novo.

Como mulher amarela, o quê "narrativa de memórias" significa para você?

Para mim, a narrativa de memórias significa essa brecha de poder falar em primeira pessoa sobre uma história que diz respeito a nós. E também é esse tecer, nesse tecido tão doloroso, que reflete muitas questões da imigração. Porque, pela minha vivência em específico, a minha história está profundamente ligada à história da imigração, tanto pelas minhas antepassadas quanto pelas mulheres na minha família hoje. Então, a narrativa de memórias é essa possibilidade de querer não só viver, mas de pensar em como guardar essas memórias.

Qual o maior desafio que você enfrenta na cena cultural?

Uma das maiores dificuldades da cena cultural e literária que temos hoje é a falta de recursos – os trabalhadores da cultura enfrentam as questões do sistema que a gente vive hoje, o capitalismo. Viver no sistema capitalista é muito cruel porque ele vê o trabalho cultural como indigno, não entende como algo produzido para a população, mas sim a favor do lucro, de um mercado, para enriquecer pessoas que já são ricas.

Apesar da cultura ser trabalho, às vezes parece mágica. Não se vê a materialidade do preço do papel, do preço de se construir uma pessoa, de pensar algo, de você ler e acumular conhecimento. Tudo isso tem um valor. Acho que um dos grandes desafios é o das pessoas terem trabalhos dignos e receberem de maneira justa pelo seu próprio trabalho. Uma escritora não consegue receber por todo o trabalho que ela faz, porque é um trabalho ainda invisível para várias pessoas. Muitas de nós, autoras independentes e artistas que estão começando, pessoas que estão pela primeira vez vislumbrando o fazer artístico como uma possibilidade na sua vida, tem essa possibilidade ceifada, porque não se tem os recursos.

Recomende duas autoras amarelas que são inspiração para você e comente sobre a sua escolha.

A primeira é uma autora que participou da mesa: a Rafaela Tavares Kawasaki, em especial com o livro *Memórias de Água*. Me inspira muito esse poder da poesia, de colocar as palavras de um jeito que mexa com a gente. Elas são colocadas de um jeito que mexe com o nosso subjetivo, com coisas que eu nem sabia que poderiam se mover dentro de mim. Eu acho isso muito inspirador e muito incrível.

A outra recomendação é Michelle Zauner, autora do livro *Aos prantos no mercado*. Essa indicação vem em específico, porque na edição brasileira, da editora Fósforo, quem fez a capa é uma artista chamada Ing Lee. A

capa está belíssima e eu admiro muito o trabalho dela também. Essa autora é uma inspiração porque ela é multiartista, também é cantora. Nesse livro ela fala de uma maneira muito bonita, muito crua, sobre o processo da morte da mãe dela, e sobre também sobre as camadas de ser uma mulher asiática nos Estados Unidos. É um livro bem intimista e eu acho que se relaciona comigo de uma maneira estranhamente familiar, por mais que esteja longe. Me faz lembrar que nós humanos somos muito parecidos e a gente sente coisas muito parecidas, mesmo com grandes distâncias geográficas. <

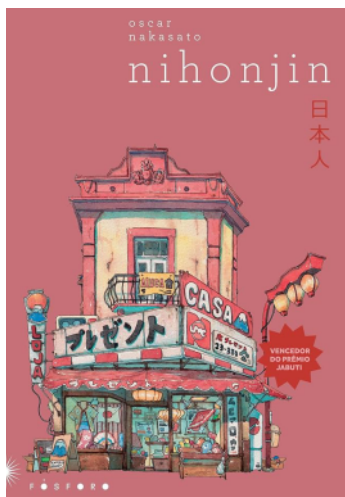
A grande onda, literária em Maringá

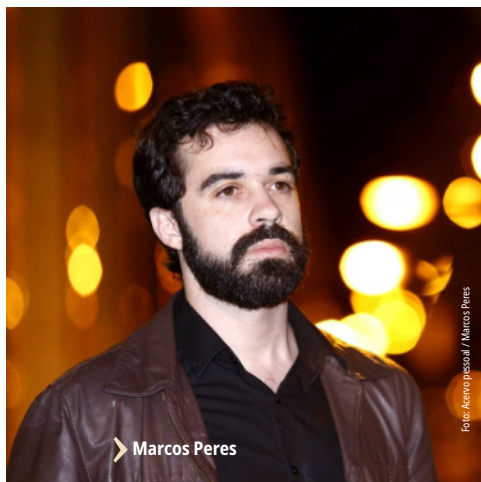
Victor Simião

Autores(as) expandem movimento literário na cidade e repercutem nacionalmente

Se até 2010 pouco se falava sobre o cenário da literatura de ficção em Maringá, ao menos fora do que hoje se chamaria “bolha local”, o ano seguinte alterou o panorama. Em 2011, Oscar Nakasato recebeu o Prêmio Benvirá de Literatura, cujo resultado lhe rendeu a publicação de *Nihonjin*, seu primeiro romance, que saiu pela editora Benvirá. Em 2012, desbancando autores como Ana Maria Machado, o livro ganhou o Prêmio Jabuti de Melhor Romance. Era o primeiro prêmio do tipo dado a um maringense (embora, à época, Nakasato vivesse em Apucarana), e a história, uma narrativa sobre a imigração japonesa, destoava do que se via até então na ficção brasileira.

► Reedição de *Nihonjin*
pela editora Fósforo
(2025)





Nakasato abriu o caminho e o rastro foi seguido de perto por Marcos Peres. Em 2013, um ano após o Jabuti do colega, ele levou o Prêmio Sesc de Literatura com seu romance de estreia *O evangelho segundo Hitler*, uma história envolvendo Jorge Luis Borges, um duplo do escritor argentino e o nazismo. O livro, publicado pela Record, também recebeu o Prêmio São Paulo de Literatura e foi finalista do Jabuti em 2014. Maringá, enfim, estava no cenário nacional.

Alguns perguntavam se havia algo na água do município porque, finalmente, em uma cidade então com pouco mais de 60 anos e menos de 400 mil habitantes, a produção literária local chegava a leitores e críticos do Brasil, algo que já ocorrera com Londrina e Curitiba. A resposta à época, e até hoje, é simples: os prêmios jogaram luz a um cenário que já vinha sendo constituído. Dividamos, para fins de compreensão, a literatura maringaense em quatro momentos, dos primórdios até o estágio atual.

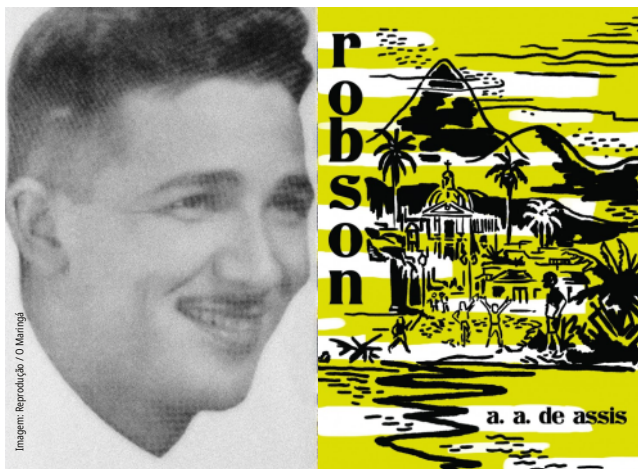


Imagem: Reprodução / O Maringá

➤ Foto de A. A. de Assis da época do lançamento de *Robson*

O primeiro deles vem de 1959, quando Maringá tinha 12 anos. Naquele ano, Antônio Augusto de Assis, mais conhecido como A. A. de Assis, publicou o primeiro livro: *Robson*, uma seleta de poemas. O próprio Assis, para muitos, é o maior escritor da cidade – trovador reconhecido em todo Brasil. Nascido no interior do Rio de Janeiro, tem mais de 90 anos e segue produzindo. Ao redor dele, grupos se organizaram e seus membros escreveram livros, mas nada que ganhou algum tipo de destaque ou que, de forma geral, permaneceu às gerações seguintes; A não ser nos anos 1980, as publicações do poeta Jaime Vieira, como o volume de poesia *Asas*, em que há uma clara referência à poesia de Paulo Leminski que, anos antes, visitara a urbe.

O segundo foi nos anos 1980, quando estudantes da Universidade Estadual de Maringá (UEM) fizeram textos em mimeógrafos. Unindo literatura e política, eram vistos nos centros acadêmicos e em ações contrárias à ditadura. Foi nesse período, inclusive, que Oscar Nakasato começou a escrever. Ali, travou contato com nomes que, depois, também ganharam destaque, como Ademir Demarchi e Marco Cremasco. O primeiro,

poeta e importante agitador cultural que hoje vive em Santos, foi responsável pela coletânea *101 Poetas Paranaenses*, editado em 2014 pela Biblioteca Pública do Paraná (BPP). Já Cremasco, foi o primeiro ganhador do Prêmio Sesc de Literatura, com o romance *Santo Reis da Luz Divina*, em 2004, e, atualmente, vive em Campinas.



O terceiro momento começa em 2010, na era de internet e *blogues*, que resultou em um *e-book* coletivo chamado *Contos Maringaenses* – Marcos Peres estava neste grupo, aliás. Dali alguns nomes seguiram publicando. Wilame Prado e Bruno Vicentini, por exemplo, tiveram contos selecionados e participaram da coletânea *15 formas breves*, lançada em 2017 pela BPP. Thays Pretti, em 2019, publicou o volume de contos *A mulher que ri*, pela editora Patuá. Alexandre Gaioto, na pandemia, ganhou o Prêmio Biblioteca Digital 2020, da BPP, pela coletânea de poemas *Não há dezembro neste breu*.



O quarto momento é o atual. Maringá viu, ao longo dos últimos anos, o surgimento de clubes de leitura, ações de fomento público ao livro, leitura e literatura, e o fato de que escritores surgiram e publicaram em editoras de pequeno e médio porte, como Luigi Ricciardi e o romance histórico *Os passos vermelhos de John*, de 2021, que saiu pela editora Penalux – hoje, Literalux. Outros nomes também merecem atenção, como Ana Favorin, Estela Santos, Michelle Joaquim, Dany Fran, Mayara Blasi, Gilmar Santos e Jeferson Rodrigues. Sem contar as autoras que viveram por aqui e agora moram em outras cidades, como Ana Guadalupe e Julia Raiz.

Daria para se falar muito mais, mas o espaço é curto. Concluo com o autor que abriu este artigo: Oscar Nakasato. No ano passado, pela editora Fósforo, ele lançou o romance *Ojiichan*. Agora, em 2025, *Nihonjin* foi reeditado e saiu pela mesma casa editorial. A obra foi adotada pelo Clube do Livro de Felipe Neto, sendo lida por pessoas de todo o país, e uma animação adaptada a partir do livro deve ser exibida no Brasil no segundo semestre, já tendo sido apresentada no Festival de Cannes em 2024. O escritor maringaense é, talvez, o principal nome de um movimento que tem crescido e que, espero, apareça cada vez mais. <



Foto: Acervo do autor / Victor Simião

Victor Simião é formado em Jornalismo pela Unicesumar e em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Co-comentarista de literatura na rádio CBN Maringá, em 2013 criou o clube de leitura Bons Casmurros, um dos principais grupos do gênero no sul do Brasil, que já realizou mais de 200 ações. Também foi curador do projeto "Off Flim" e Secretário de Cultura de Maringá (2021-2024). No mestrado, pesquisou a trajetória de escritores maringenses e a relação com o campo literário brasileiro.

Florbela Espanca

e a poética do excesso



Bruna Rossato

Ítalo Calvino afirma que "Um clássico é um livro que nunca acabou de dizer o que tem a dizer". Revisitar Florbela Espanca é abraçar essa máxima e celebrar a intensidade da experiência humana.

Florbela Espanca (1894 – 1930), poeta portuguesa, fez da desmesura a sua medida. Em seus versos, o amor não é apenas amor, é "doença incurável", "fome insaciável", "fogo a devorar". A dor não é simples ferida, é "luto eterno", "saudades sem nome", "chaga que não cessa". Essa insistência na hipérbole, na repetição enfática e nas imagens grandiosas revela uma sensibilidade que não busca conter-se, mas expandir-se até transbordar.





Nascida no Alentejo, sul de Portugal, desde cedo habitou territórios de fronteira: filha de um relacionamento extraconjugal, criada entre o reconhecimento afetivo e a negação oficial, cresceu no entremeio de pertença e exclusão. Ainda sobre o solo fronteiriço de uma vida marcada por perdas e reconstruções, cresceu também em meio a uma Portugal que atravessava ventos de mudança: a queda da monarquia, a instabilidade da Primeira República e o choque constante entre tradição e modernidade. Foi nesse terreno de contradições que Florbela fez brotar seus sonetos que pulsavam desejo, melancolia e uma afirmação íntima de si.

Além de poeta, Florbela foi pioneira: uma das primeiras mulheres a estudar na Universidade de Lisboa, reivindicou espaços historicamente negados. Sua vida atravessou amores intensos, lutos e melancolia profunda, e, aos 36 anos, suicidou-se, deixando uma obra breve, porém intensa, em que liberdade e vulnerabilidade se misturam. Em seus livros, o anseio por liberdade se mistura à exposição implacável das próprias fragilidades, e a uma sede por experiências que não se deixam domesticar pelas convenções.

O excesso em sua poética, no entanto, não é descontrole: ele é cálculo estético. Ao escolher o soneto, forma rígida, clássica e simétrica, para abrigar seu turbilhão afetivo, Florbela criou um contraste deliberado. O molde fixo não limita: realça. É a disciplina formal que torna mais aguda a torrente emocional, como se cada quarteto e terceto fosse um relicário minuciosamente talhado para guardar tempestades.

Sua obra recorre a repetições quase litânicas, a comparações que amplificam tudo até o superlativo, a metáforas que erguem monumentos para sentimentos íntimos. O luto, por exemplo, não é apenas registrado: é vestido como traje cotidiano. Mesmo antes de perder o irmão, Apeles, Florbela já cultivava em sua poesia uma "saudade sem objeto", uma falta estrutural. Cada poema torna-se rito: um memorial que, ao mesmo tempo, proclama e mascara a ausência.



Essa estética da intensidade também é política. Ao assumir seus desejos e dores num tempo que exigia silêncio feminino, Florbela recusa limites impostos. Fala de paixão e erotismo sem pudor, deslocando a mulher de musa passiva para voz central. O exagero se torna subversão, recusando domesticar a experiência feminina.

Não é surpresa que tenha sido subestimada como "demasiado emotiva" ou "excessivamente feminina", adjetivos que, na verdade, nomeiam sua força singular. Hoje, sua poesia ecoa internacionalmente, aproximando-se de Sylvia Plath e Judith Teixeira. Fernando Pessoa chamou-a de "alma sonhadora – irmã gêmea da minha", reconhecendo sua densidade lírica única.

Neste contexto, se debruçar sobre a obra de Florbela consiste também no ato de perguntar: ainda há espaço, no presente, para uma poética que não teme o excesso? Isso porque ler sua obra é perceber que o excesso não é mero artifício retórico, mas uma afirmação radical de existência. Florbela nos desafia a aceitar que os sentimentos podem ser vastos demais para a medida do cotidiano, e que a intensidade não precisa ser domesticada para ser legítima. Ler seus poemas é, portanto, um convite a abraçar o desmesurado, a reconhecer que a plenitude da experiência humana reside justamente naquilo que transborda.



E se, no presente, a literatura parece se inclinar ao contido, ao irônico ou ao conciso, a voz de Florbela permanece um lembrete: ainda existe espaço para uma poética do excesso. Questionar essa possibilidade é, em última instância, questionar nossa própria capacidade de viver e sentir sem restrições, de permitir que a linguagem seja tão intensa quanto a vida que ela busca traduzir. ◀

Ilustrações de Bruna Rossato para a edição do livro *Relicário em Verso* de Florbela Espanca, com projeto editorial de Ingrid Leandro e prefácio de Luis Sierakowski, pela Andrômeda Editora.





Bruna Rossato é escritora e artista visual, bacharel em Marketing pela Universidade Estácio de Sá e editora-chefe na Andrômeda Editora, onde desenvolve projetos que valorizam autoras mulheres, pessoas LGBTQIAP+ e produções experimentais. Seu trabalho transita entre diferentes mídias para comunicar poéticas de identidade, memória e percepção do mundo, explorando também a materialidade, a composição visual e a narrativa gráfica no design editorial.



A última sílab do Sol

Melissa Sayuri

Ela brotou da rachadura do viaduto como um segredo que o concreto não conseguiu engolir. Ninguém viu – ou ninguém quis ver – até o dia em que seu caule furou a pichação vermelha, esticando veios dourados que pareciam roubados da luz dos faróis. Uma planta sem nome, mas com voz: às madrugadas, quando a cidade tossia de fome, eu jurava ouvi-la falar na língua piscante dos semáforos. Suas pétalas eram finas como pele de recém-nascido, quase derretendo ao sol, e dentro delas corria um âmbar espesso – crepúsculo líquido, sol engarrafado em seiva.

Não era verde. Nem marrom. Seu caule tingia-se de um tom que oscilava entre dourado pálido e terra queimada, dependendo da inclinação do sol. À noite, quando as lâmpadas de LED dos postes simulavam um falso amanhecer, ela brilhava como os adesivos fosforescentes colados nos carros de som. Eu a descobri enquanto mapeava dialetos de rua para minha tese: a linguística dos esquecidos. Meu gravador capturava o português rachado dos camelôs, o pigarro dos ônibus, os neologismos que brotavam das bocas adolescentes como chiclete grudado na mesa. Mas ela era um grafema perdido, um hieróglifo vivo, uma sílaba que fugiu de um poema.

Ela se estendia, devagar, pelas frestas do viaduto, alastrando-se como uma raiz nervosa: subia pelos pilares de concreto, infiltrava-se nas juntas de dilatação, escalava as vigas metálicas até tingir de âmbar a ferrugem. Em semanas, já não era uma planta – era uma epidemia. O cheiro vinha como um grito. Era denso, acre, mistura de alho carbonizado com raiz de lótus em água parada – um odor que não pedia licença, entrava pelas narinas feito prego enferrujado.

Um menino de boné desfiado me mostrou como esmagar suas folhas contra o pulso. “Vira tatuagem de mentira”, disse, exibindo um desenho que lembrava kanjis escritos na embriaguez. Sua tia, registrada como Interlocutora 16 de minha pesquisa, observava a cena de trás da barraca de guiozas. Seus dedos nunca paravam — mesmo enquanto falava, as mãos amassavam a massa com movimentos que pareciam decifrar um arquivo de ausências.

Nas pregas da massa, seus dedos desenhavam a geografia de um corpo que atravessara oceanos para se tornar sombra em outra terra. As montanhas do Japão, reduzidas a rumores, os tambores dos festivais, agora apenas um zumbido nas têmeoras. Ela modelava os guiozas como quem remenda a carne de uma língua dilacerada. “A planta-fantasma nasce onde morre a última palavra”, dizia, enquanto o shoyu escorria entre suas rugas, líquido amargo como a sílaba que seu pai engasgou ao trocar “frigideira” por “fureijira”.

Eu a via esculpir cada guioza como quem remenda um sudário para palavras aniquiladas. Suas mãos, caalejadas de dobrar futuros, trabalhavam como se costurassem luto. A cada prega perfeita, ressuscitava um vocábulo morto: “saudade” que se desfez em migalhas entre alfândegas. O recheio não era só legumes e verduras — eram restos de memória, como os *haikais* que sua mãe suspirava ao dobrar roupas íntimas em lavanderias alheias. A saudade dissolveu-se no molho picante que escorria entre os dedos, líquido ardente como as lágrimas que sua mãe engoliu ao trocar suas paixões por aventais de faxina. Naquele momento, entendi: cozinhar era seu exorcismo. Cada massa selada, um feitiço contra o apagamento.

A demolição do viaduto não podia tardar. A planta de veias âmbar exalava o mesmo odor que consumira as panelas de sua mãe – um cheiro que se recusava a morrer na cozinha. Alastrava-se como fantasma sem endereço: impregnava camisas de seda, infiltrava-se nos estofamentos de couro dos ônibus 244, grudava até nas pálpebras dos bebês que choravam sob o asfalto quente.

Antes que a memória escorresse por seus dedos, a mãe tecia narrativas entre receitas e maldições. Dizia que o alho afugentava fantasmas, mas nunca contou como evitar que os próprios ossos se tornassem fantasmas. Para a filha, o viaduto tombado significaria mais que concreto em frangalhos: seria a extinção do último vestígio daquele vapor ácido que lhe queimava as narinas desde a infância – cheiro de rancor, de ossos cozidos em silêncio, de alfabeto desintegrando-se no fogo baixo.

Levei algumas semanas para entender. A planta não era exótica, era um sintoma. Um tumor linguístico brotando nas cicatrizes da metrópole, onde línguas haviam sido enterradas vivas, sua seiva dourada uma reação química ao luto não nomeado. Dela, nasciam folhas com formatos de lápides, onde se podia ler os átomos, os nomes dos mortos pela língua: Yoshida, Severino, Kwame. Nas noites insones, as perguntas me consumiam: quantas raízes se contorciam sob o concreto, sufocadas pelo “falar direito”?

A cidade, eu sabia, é um cemitério de sotaques, amores e tudo o que foge da neutralidade. Sob o concreto, jazem diálogos completos com perfurações de bala, línguas indígenas cujas raízes foram cortadas por enxadas coloniais, cantigas de ninar em iídiche que viraram pó nos pulmões das costureiras e poemas que ninguém soube traduzir, apenas chorar. A cidade, que apaga nomes como apagam pichações, não percebe que cada demolição é um parto. Sob o asfalto, as ervas daninhas escrevem em código de raiz o que nenhum idioma oficial ousa registrar — que morrer de saudade de si mesmo é a única língua materna que restou.

Quando as escavadeiras chegaram para demolir o viaduto fantasma, a planta começou a sangrar. Não metaforicamente. Sangrava como as veias de um corpo que a cidade julgou cadáver, mas que ainda guardava pulsos sob a dura superfície. O líquido, resina de memórias soterradas, escorria espesso, brilhante como óleo, mas cheirava a terra molhada após o primeiro temporal. Descia pelo caule em fios grudentos, misturando-se à água do bueiro, aquela que carregava bitucas de cigarro, restos de esmalte barato e os sonetos não escritos de quem dorme embaixo de pontes.

Os bulbos que não foram esmagados ficaram abandonados à sorte, oferecendo-se como sementes de um fracasso. Em minhas mãos, pulsavam como corações clandestinos, cada camada uma página rasgada de um diário nunca escrito: notas sobre tempestades de sal na plantação de café, sílabas perdidas embrulhadas em folhas de bananeira, histórias que respiravam por frestas, memórias sem dono, restos de um mundo que resistia em não morrer de todo — só em apodrecer, lentamente, até virar pó e rumor.

Seguindo uma lógica que só minha obsessão entendia, plantei-os em latas de achocolatado furadas e as pendurei na janela de meu estúdio. Três luas depois, as latas estavam cobertas por uma teia de brotos translúcidos. Nas folhas novas, vi desenhos que lembravam a caligrafia de cartas censuradas e manchas de um amarelo quase radioativo. Quando tocava neles, minha pele ardia como se estivesse apagando uma tatuagem a laser.

À noite, os bulbos emitiam um zumbido baixo, frequências que meus ouvidos captavam como ondas sonoras de línguas extintas. Eram músicas sem compasso, feitas para gargantas que não existiam mais. Reguei com água envelhecida em garrafas de cachaça e restos de chá preto fermentado. Não era suficiente. Era preciso regá-las com os delírios de quem ainda sonha na língua proibida.

Nos bolsos do meu moletom, habitam sementes em êxodo. Não são grãos, são testemunhas, guardando o pulsar de um útero linguístico, o último suspiro de um verbo banido. Inviscero-as nas cicatrizes do concreto — não planto, pratico necromancia urbana. Entre rachaduras de prédios que o capital devorou e reduziu a esqueleto, deposito promessas de insurreição verde. Sob pontes de línguas estilhaçadas, deixo sílabas que germinam em árabe, curdo, em urdimento de pátrias provisórias. Dentro de orelhões engasgados pelo silêncio — esses caixões de voz que ninguém mais habita —, escondo raízes que tecem fios telefônicos com as últimas palavras não ditas de um avô para a neta desaparecida.

Encontrei um galho insurgente escalando o muro de uma escola onde crianças bolivianas têm suas línguas cortadas por tesouras invisíveis. O galho, ignorante de fronteiras, balançava ao vento em aimará. Noutro dia, uma flor. Um único botão alaranjado desafiava a podridão ao lado do restaurante coreano carbonizado. Nas paredes, restavam palavras criminosas — “voltem pra sua selva” —, mas a flor, órfã de pátria, abria-se em coreano. Talvez fosse um verso. Ou um mapa. Cultivo sem esperança, pois cidades são máquinas de esquecer: trituram raízes, apagam dialetos, enfaixam feridas com asfalto quente. Mas insisto.

Às vezes vejo, nas palmas de minhas mãos, onde as sementes repousaram, marcas fosforescentes de uma batalha que nunca escolhi travar. Marcas de uma língua que o corpo ainda teima em falar, mesmo que a boca tenha aprendido a silenciar. Elas formam um ideograma que nenhum dicionário registra: o verbo permanecer, conjugado no futuro arcaico. A flor permanece sem nome. O luto da Interlocutora 16 também. E eu, humana transplantada em solo urbano, rego com lágrimas salgadas o que o cimento insiste em chamar de erva daninha. <



Melissa Sayuri é graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e mestranda em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Desenvolve pesquisas no campo da Análise de Discurso, com ênfase em temas como migração, perigo amarelo e produção de sentidos durante a pandemia de covid-19. Venceu o 1º lugar na categoria conto no VII Concurso Literário Luci Collin, em 2025.

Orelhas Marcadas

Carlitos Marinho

O jornal **Cândido** inicia a seção **Orelhas Marcadas**, inspirada pelo *Love for the Sentences*, de Frank Bruni, no *The New York Times*. A ideia é que, nas próximas edições, as(os) leitoras(es) possam colaborar com frases que chamaram a atenção. Pode ser o trecho de uma notícia, uma crônica ou até mesmo de uma *newsletter* — algo que tenha provocado uma reflexão, uma risada, um fio de esperança ou a mais absoluta descrença na vida. Seja o que for, mande-nos aquilo que merece ser eternizado além dos quatro segundos de dopamina — tema que você encontra abaixo, nas orelhinhas destacadas.

Por estar inserido no meio digital, o **Cândido** entende que a interação com seus leitores faz parte da nova forma de fazer e consumir jornalismo — ou pelo menos de não fazer morrer o pobre coitado. Para indicar trechos favoritos de textos recentes envie-nos um e-mail **aqui** e inclua seu nome e local de residência.

1º de agosto de 2025 — Na *Folha de S.Paulo*, Gustavo Alonso refletiu sobre como os carros elétricos estão mudando a paisagem sonora das cidades, encerrando a era da "carrocracia". "Eis que chega o carro elétrico. Foi até difícil ouvir o carro de aplicativo chegar. Do lado de dentro, o agradável som ligado também foi marcante. Percebi particularidades sonoras que nunca tinha notado, mesmo no aparelho de som mediano do carro elétrico mais popular. O fim do ruído do motor permite que ouçamos o que verdadeiramente importa."

7 de agosto de 2025 — Em sua *newsletter*, Camilla Feltrin escreve que, para muita gente — como Sartre em *A Náusea* —, a pior hora do dia é três da tarde: sempre cedo demais ou tarde demais para fazer qualquer coisa. Para a escritora, porém, o fim da tarde é ainda pior: "Seis e meia é o horário em que os latidos dos cachorros se misturam com o cheiro de feijão dos vizinhos, carro, caminhão, caçamba, suor dos trabalhadores, TV alta, panela de pressão, desodorante aerosol dos adolescentes, buzina, fumaça preta, asfalto quente. (...) Seis e meia é o horário em que todos os sentidos são estimulados da pior forma possível."

9 de agosto de 2025 — Carioca e apaixonado por barreado, Eduardo Goldenberg transforma cada preparo do prato em um evento. Desde 2013, já promoveu 13 edições do seu Barreado de Morretes — uma delas, em Londres, na casa da amiga Lelê. Depois de ouvi-la dizer o quanto considera mágico o prato paranaense, respondeu em sua *newsletter* Buteco do Edu: "O Barreado de Morretes, cujo preparo se assemelha a uma reza, um ritual, a um calvário e a um holocausto que nos leva à redenção do caldeirão-aberto, é mágico por si só".

15 de agosto de 2025 — Também em *newsletter*, a escritora Cecília Giannetti fez um relato brutal e íntimo sobre a convivência com a mãe, entre lembranças de infância marcadas pela violência doméstica e reflexões sobre velhice, descuido e dignidade: "Não é preciso odiar. O ressentimento, depois de décadas, torna-se um inconveniente cansativo. Já há algum tempo eu deixei de sentir raiva e observo minha mãe como se eu fosse uma detetive particular contratada por mim mesma, e, ao mesmo tempo, por alguém que já não sou mais."

24 de agosto de 2025 — O artista multidisciplinar Fausto Fawcett escreveu uma resenha na última edição de nº163 do **Cândido** sobre a obra *Catatau*, primeiro romance de Paulo Leminski, que completou 50 anos neste ano. Depois de pegar o *Catatau* em mãos na livraria Muro, em 1975, Fausto conta que descobriu uma espécie de tábua de desmandamentos mentais que o acompanharia por toda a vida. "Os livros *Laranja Mecânica* (Anthony Burgess, 1972), *Água Viva* (Clarice Lispector, 1973), *Fragmentos de Sabonete* (Jorge Mautner, 1973), *Xadrez de Estrelas* (Haroldo de Campos, 1976) e *Catatau* formaram, para mim, uma poderosa coleção de talismãs literários. Como se fossem lâmpadas que esfregadas liberassem gênios variados revelando, desvelando, escancarando delícias terríveis ocultas no cotidiano dos ambientes humanos. Ambientes mentais, sensoriais, eróticos, simbólicos. *Catatau* mexia/mexe com tudo. É o *Catatau* de tudo. Anos 70. No meio de uma ditadura adubada por uma Guerra Fria que esquentava as cabeças com a possibilidade de uma aniquilação nuclear os assim chamados artistas refinavam a irreverência criando delírios cheios de lucidez crítica visando escancarar a sensação de Juízo Final que pairava/paira sobre o planeta."

27 de agosto de 2025 — Em sua coluna no *O Globo*, Martha Batalha narrou o momento em que entendeu o traço de Jaguar. Morto no dia 24 de agosto aos 93 anos, foi um histórico cartunista que ajudou a fundar o jornal *O Pasquim*, e que se tornou símbolo de oposição à ditadura militar brasileira. "Em 2008, num encontro em Nova York com o *publisher* da Ediouro, Jorge Carneiro, e o editor de cartuns da *New Yorker*, Bob Mankoff, perguntei por que a revista não publicava nenhum dos excelentes cartunistas brasileiros. Bob (e pensem aqui num hippie aristocrata) me disse que o estilo de alguns brasileiros era grotesco demais para a revista. Na mesma hora entendi o traço irregular e original de Jaguar. Ele não era um artista grotesco, no sentido de tosco ou pouco sofisticado. O Brasil que ele via era grotesco. Coube a ele retratar de modo fiel e brilhante o país."

28 de agosto de 2025 — Na *Folha de S.Paulo*, a bióloga e neurocientista Suzana Herculano-Houzel ironizou o discurso simplista de influenciadores digitais que resumem motivação à liberação de dopamina no cérebro: "Se liberar mais dopamina é bom, expliquem-me então, influenciadores, por que consumir regularmente uma cocaína-zinha, que aumenta em dez vezes ou mais a quantidade de dopamina ao redor dos neurônios, não é uma boa ideia. Hmmm?"

1º de setembro de 2025 — Chico Barney, colunista do *UOL*, criticou as frequentes mudanças de horário na grade da *Globo* causadas pela transmissão de jogos de futebol, que precisou ajustar a exibição do *reality* musical Estrela da Casa para acomodar partidas ao vivo. "E na quarta, já na segunda semana, vão mudar a data de exibição do dia mais importante do programa, por culpa da CBF, por culpa da Seleção Brasileira, por culpa da Copa do Mundo, não sei se é eliminatório, não sei se é amistoso, mas culpa do Carlo Ancelotti. (...) Eu não vejo a hora da *Globo* abrir mão dos direitos de exibição do futebol no Brasil. Ninguém aguenta mais futebol. Não tem mais porquê futebol. Todos os times já jogaram um contra os outros. Não tem mais novidade nenhuma. No Estrela da Casa, tem novidade"

8 de setembro de 2025 — Na *Zero Hora*, Cláudia Laitano lembrou o escritor gaúcho Luis Fernando Verissimo, mestre da crônica brasileira, morto em 30 de agosto aos 88 anos, contrapondo-o ao seu duplo imaginário. "Luiz 'com z' Fernando Verissimo era o gêmeo sem graça do Luis 'com s' Fernando Verissimo. O Luis, casado com a Lúcia, pai da Fernanda, da Mariana e do Pedro, avô da Lucinda e do Davi, era elegantíssimo na vida como nos textos, no beira-rio como na Rive Gauche. Do Luiz a única coisa que se sabe, com certeza, é que odeia o *Big Brother* e costuma abu-

sar dos clichês. Pode ser que torça para o Grêmio, more em São Paulo e seu verdadeiro nome seja Adelaide. Tudo é possível. Ao contrário do Luis, lido e amado no Brasil inteiro, Luiz nunca deu entrevistas, nunca distribuiu autógrafos, nunca foi tema de escola de samba. Luis Fernando Verissimo era tudo que o Luiz Fernando Verissimo gostaria de ser." <

Carlitos Marinho nasceu em Mariluz, no Paraná. Formado em Jornalismo pela Unicentro, em Guarapuava. Atualmente, trabalha na Secretaria de Comunicação do Paraná e é colaborador do jornal *Cândido*.

Mo vim ent os

Danielle Freitas

"Movimentos", de Danielle Freitas, captura as cenas do movimento hip-hop curitibano – em especial na Batalha da Menô, uma das mais tradicionais da capital. Os encontros ocupam a Praça dos Menonitas, no bairro Boqueirão. No mês de aniversário de 8 anos da batalha, o **Cândido** publica um recorte especial, com destaque para as mulheres que marcam presença no rolê.

As fotos foram tiradas em 2024, ano que contou com uma edição apenas com mulheres, que, apesar de ainda serem minoria nos encontros e na sua organização, são parte fundamental do fazer acontecer. Para garantir o espaço, são destinadas 25% das vagas das batalhas para mulheres e pessoas LGBTQUIA+. Atrás das lentes e dos bastidores da Menô, Danielle também resiste como mulher dentro do espaço da produção cultural.

Além das MCs, poetisas também fazem intervenções no estilo slam – e é justamente essa poesia em movimento, sempre presente no universo hip-hop, e declamada por vozes femininas, que inspira este ensaio. <<



Danielle Freitas é fotógrafa, poeta, designer e publicitária em formação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Desde 2022, fotografa batalhas de rima em Curitiba.

















EXPEDIENTE

Governador do Estado do Paraná

Carlos Massa Ratinho Junior

Secretária da Cultura do Estado do Paraná

Luciana Casagrande Pereira Ferreira

Diretor da Biblioteca Pública do Paraná

Luiz Felipe Leprevost

Editora

Marianna Camargo

Redação, pesquisa e produção

Bianca Weiss

Isa Honório

Leticia Lopes de Souza

Maria Beatriz Peres

Estagiária

Naomi Mateus

Colaboradores desta edição

Bruna Rossato

Carlitos Marinho

Cecília Zarpelon

Melissa Sayuri

Victor Simião

Capa

Tatiana Torricillas

Design Gráfico

Rita Solieri

Diagramação

Iuri De Sá



Cândido

imprensa@bpp.pr.gov.br | jornalcandido@gmail.com

bpp.pr.gov.br/Candido

[instagram.com/candidobpp](https://www.instagram.com/candidobpp)

[facebook.com/jornalcandido](https://www.facebook.com/jornalcandido)



BIBLIOTECA
PÚBLICA
DO PARANÁ

